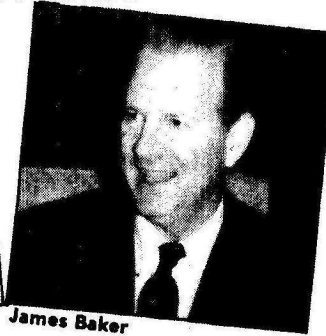




Michel Camdessus



James Baker

O severo FMI quer mudar a sua imagem

O Fundo Monetário Internacional, durante muito tempo criticado por ser insensível as consequências de suas exigências de austeridade nos países devedores, está tentando uma nova abordagem.

O FMI, patrocinado por 151 governos do mundo inteiro, pretende elaborar condições de empréstimo que sejam menos severas e criar programas para salvaguardar os tomadores de empréstimos contra reviravoltas adversas no plano econômico global, segundo disseram o diretor administrativo do Fundo e outros funcionários.

"Será que podemos fazer mais e fazer melhor?" é o que se pergunta Michel Camdessus, um ex-presidente do Banco Central da França e diretor-gerente do FMI há apenas um ano. "Trata-se de uma questão que ocupa um lugar de destaque nas nossas preocupações no momento", garante.

Desde sua fundação, o Fundo teve o papel de fornecer assistência aos países que não conseguem pagar suas contas, desde que, em troca, adotem medidas muitas vezes politicamente dolorosas, para reestruturarem suas economias.

Ajustes: altos preços

Em 1984, na República Dominicana, mais de 50 pessoas morreram em meio a revoltas que irromperam depois dos aumentos de preços, decretados nos termos

de um programa do FMI. Em 1985, no Sudão, o governo do presidente Caafar Nimeiri; foi derrubado por um golpe militar depois que o FMI sustou a concessão de empréstimos porque o país estava "deixando de cumprir os acordos". E tão ruim é a imagem do FMI no Brasil, que durante os últimos quatro anos o governo do maior país devedor do Terceiro Mundo praticamente o tem evitado.

As iniciativas também estão ocorrendo em meio a preocupações com o que muitos consideram ser uma crise cada vez maior da dívida e a necessidade de que as instituições financeiras — tais como o FMI e a instituição com a qual ele faz uma dobradiça, o Banco Mundial — façam contribuições maiores à estabilidade econômica. Camdessus fala a respeito de "uma sensação crescente de fadiga de ajuste."

Espera-se que as propostas sejam discutidas na diretoria executiva do Fundo e numa reunião dos seus membros em abril, bem como numa reunião anual a se realizar em Berlim Ocidental em setembro próximo.

Um importante funcionário argentino disse que as idéias são muito bem vindas, mas perguntou se as mudanças seriam "suficientemente grandes ou introduzidas em tempo hábil". A Argentina, cujas reservas estão seriamente abaladas, deverá enfren-

tar difíceis negociações com o FMI, porque precisa de pelo menos US\$ 2 bilhões para saldar compromissos ainda este ano.

Camdessus e outros funcionários revelaram que o Fundo pretende tornar menos oneroso o seu processo de monitoramento dos países devedores. Por exemplo, o FMI reduziria a frequência de suas avaliações econômicas nacionais, fazendo-as duas vezes ao ano e não de três em três meses; e ao fazer estas avaliações, o Fundo se concentraria num menor número de indicadores de desempenho econômico.

O processo de monitoramento hoje envolve o estabelecimento de metas trimestrais em áreas como o déficit público, a expansão do crédito, reservas internacionais, levantamento de empréstimos no Exterior e outras variáveis. Quando a performance real não se enquadra nas metas, o FMI interrompe seus pagamentos.

Outra importante proposta diz respeito à criação de um "mecanismo para financiamento de contingência", para fornecer garantias a devedores que estão adotando difíceis reformas, de que o dinheiro estará à disposição no caso de choques externos. — tais como a queda vertical dos preços de commodities, um aumento considerável nas taxas de juros ou um terremoto."

Clyde H. Farnsworth, do N.Y. Times